

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II  
CURSO DE BACH. EM C. ECONÔMICAS

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

*Maria Gleide de L. Fernandes*

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

MARÇO/1985



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

Sumé - PB

Campina Grande (PB), 29.03.85

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
PRAI - Centro de Humanidades - Campus II  
Coordenação do Curso de Bach. em C. Econômicas  
N E S T A

Senhora Coordenadora,

ESTÁGIO SUPERVISIONADO - Relatório - Em apenso, estou encaminhando-lhe o relatório de minhas atividades desenvolvidas no Centro Nacional de Pesquisa do Algodão, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (CNPQ-EMBRAPA), nesta cidade, no período de 10/12/84 a 22/03/85, para que o mesmo seja incluído no meu currículo acadêmico sob a forma de Estágio Supervisionado.

Atenciosamente,

*Maria Gleide de Lima Fernandes*  
Maria Gleide de Lima Fernandes

MGL/

## I D E N T I F I C A Ç Ã O

NOME DA ALUNA - Maria Gleide de Lima Fernandes

MATRICULA - 782.3027-5

CURSO - Bacharelado em Ciências Econômicas

ÁREA DE  
CONCENTRAÇÃO - Rural

INSTITUIÇÃO  
DE ENSINO - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB

COORDENADORA  
DO CURSO - Ivoni Lídia Monteiro Saraiva

COORDENADORA  
DE ESTÁGIO -

ORIENTADOR - Renê Louis de Carvalho

REALIZAÇÃO  
DO ESTÁGIO - Centro Nacional de Pesquisa do Algodão

SUPERVISORA  
DO ESTÁGIO - Arlene Soares Maia

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Centro de Humanidades - Campus II

Curso de Bach. em C. Econômicas

Coordenação de Estágio

PLANO DE ESTÁGIO

I - LOCAL DO ESTÁGIO:

- Centro Nacional de Pesquisa do Algodão - CNPA,  
da EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA  
Rua Osvaldo Cruz, 1143 - Campina Grande - Paraíba

II - DURAÇÃO:

- Data do início: 19/11/84
- Data do término: 31/01/85 (previsão)
- Horário: das 13.00 às 17.00 horas, de segunda a sexta-feira,  
semanalmente.
- Total de horas: 292

III - TAREFAS A SEREM DESENVOLVIDAS:

- Pesquisa bibliográfica
- Coleta de dados
- Tabulação de dados pesquisados
- Análise das tabelas
- Elaboração de conclusões
- Elaboração de relatório.

IV - ORIENTAÇÃO:

Professor Orientador: René Louis de Carvalho

Previsão de reuniões com o orientador do estágio: quinzenal

Datas: 05.12.84; 19/12/84; 03/01/85; 16/01/85 e 30/01/85

Horário: Das 09h30min às 11h30min.

Maria Gleide Lima Fernandes

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

CAMPINA GRANDE - PB

Março - 1985

## A G R A D E C I M E N T O S

Nenhuma conquista se faz, sem a ajuda de outras pessoas.  
Muito tenho a agradecer pela vitória conquistada nessa jornada.

### A D E U S

que me deu luz, quando turvou minha percepção,  
que me deu força, quando me faltou o ânimo,  
que me deu paz, quando a pressa conturbou meu dia;

aos meus pais  
que muito me ensinaram para a vida;

ao meu esposo  
pela incondicional amizade, compreensão e cooperação;

aos meus filhos  
por toda a felicidade que me têm patrocinado;

a minha sogra  
pelo entusiasmo que me deu para essa conclusão de curso;

ao meu irmão, Clean  
responsável por uma parcela inestimável de ajuda;

aos meus mestres  
pelo esforço dispendido nos ensinamentos;

à equipe do CNPA  
pela colaboração que me foi concedida na  
realização desse estágio;

### Agradecimento Especial

Dr. Miguel Barreiro e Dra. Arlene Soares Maia  
(do CNPA-EMBRAPA)

## A P R E S E N T A Ç Ã O

Ao ensejo da realização do meu estágio supervisionado, não poderia me furtar ao desejo de estudar o produto mais importante da economia do semi-árido: o algodão.

O "velhinho de cabelos brancos" - os campos sertanejos cobertos por algodoads com seus capulhos abertos - primeira imagem que tive do meio rural, na infância. - "Se o algodão der preço esse ano..." expressão, quiçá, mais ouvida nos mercados das cidadezinhas interioranas, onde me criei.

A produção agrícola é responsável por 25% da renda nordestina e 60% da força de trabalho da região está ocupada nesta atividade. Aproximadamente 77% da área cultivada no Polígono das Secas é destinada à produção de algodão, de forma consorciada ou não. Daí a força de minha motivação neste estudo.

Nenhuma outra instituição me daria elementos tão consubstanciados quanto os que me foram apresentados no CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO ALGODÃO - CNPA, nos contatos que mantive com seus pesquisadores e funcionários e através da consulta bibliográfica.

Portanto, o estágio desenvolvido na área de concentração "RURAL;" específico em "ALGODÃO", realizado no CNPA-EMBRAPA, foi coroado de êxito, atingindo os objetivos a que se propôs o mesmo: imprimir um verdadeiro sentido prático ao cabedal de conhecimentos adquiridos em sala de aula.

## S U M Á R I O

### I - INTRODUÇÃO

1. Descrição do produto
2. O algodão no mundo
3. O algodão no Brasil
4. C.N.P.A. - EMBRAPA
5. Situação do algodão na economia brasileira

### II - POLÍTICA AGRÍCOLA

(área do algodão)

1. Assistência creditícia e custeio agrícola
2. Garantia de preço mínimo
3. Seguro rural (PROAGRO)

### III - PRODUÇÃO

1. Estrutura da produção
2. Produção e produtividade
  - 2.1 - Algodão arbóreo
  - 2.2 - Algodão herbáceo

### IV - COMERCIALIZAÇÃO

1. Cotações de mercado
2. Contrato/entrega
3. Exportação
4. Classificação nos Estados
  - 4.1 - Paraná
  - 4.2 - São Paulo
  - 4.3 - Minas Gerais

### V - CONCLUSÕES

## I N T R O D U Ç Ã O

O algodão é considerado o mais importante produto natural textil da atualidade, principal matéria prima utilizada pela indústria de tecidos e cultivado em mais de 70 países do mundo. É uma fibra produzida pelo algodoeiro, planta da família das Malváceas, do gênero "Gossypium". As fibras crescem em quantidade apreciável, aderidas às sementes e encerradas numa cápsula denominada "capulho," que se abre ao amadurecer.

Há quatro tipos de algodão em todo o mundo: o algodoeiro, cultivado há muitos séculos na Índia e na China, é denominado TIPO ASIÁTICO; no delta do Nilo, é cultivado o TIPO EGIPCIO; no ocidente, os tipos batizados são o SEA-ISLAND e o UPLAND.

São mais de vinte as espécies conhecidas, porém quatro são as mais comuns; "Gossypium Hirsutum", "Gossypium Barbádense", "Gossypium Herbaceum" e "Gossypium Arboreum". Cada espécie detem muitas variedades naturais.

As primeiras referências históricas do algodão vem de muitos séculos antes de Cristo. Em escavações arqueológicas no Paquistão, foram encontrados vestígios de tela e cordão de algodão com mais de 5.000 anos.

Na América, marcas encontradas no Peru evidenciam que povos milenares daquela região já manipulavam o algodão, há 4.500 anos. Amostras de tecidos de algodão confeccionados pelos Incas, indicam a importância do produto para aquele povo.

Quinze séculos antes da era cristã, já se fabricavam tecidos na Índia. 1.000 AC, os chineses teciam panos com suas fibras. No Egito, no Sudão e na Ásia Menor, o algodão foi introduzido sete séculos antes de Cristo, conforme o Código de Manu.

Alexandre da Macedônia, no século IV AC, introduziu o seu uso na Europa, mas a lã continuou sendo a fibra textil comum. Novo esforço foi empreendido pelos árabes, que introduziram a sua manufatura, fabricando o papel a partir dessa fibra. Todavia, só na época das Cruzadas, o algodão se tornou mesmo conhecido na Europa, quando Gênova e Veneza começaram a manufaturá-lo, importando matéria prima principalmente da Índia.

Com a Revolução Industrial, em meados do século XVIII, instalou-se um novo advento na era do algodão. Em 1801, a indústria de vestimentas consumia, na Europa, 78% de lã, 18% de linho e 4% de algodão. Um século mais tarde, as proporções eram 20% de lã, 6% de linho e 74% de algodão.

Hoje, o algodão é, em todo o mundo, um produto de significativa importância econômica e social, gerando riquezas e emprego tanto no campo quanto na cidade.

#### O ALGODÃO NO BRASIL

Pela época do descobrimento do nosso país, os indígenas já cultivavam o algodão e convertiam-no em fios e tecidos. Os primeiros colonos chegados ao Brasil, logo passaram a plantar o algodão nativo em pequenas roças em torno de suas habitações, e a utilizá-lo em caráter doméstico.

Quando, em fins do século XVIII, o algodão foi transformado na principal fibra textil do mundo e no mais importante produto das Américas, começou a despontar a produção brasileira. O Nordeste apareceu como a grande região algodoeira do país, cultivando o algodão arbóreo. Entretanto, ao se projetarem os Estados Unidos, no século XIX, como grandes produtores dessa fibra, lançando-a no mercado em quantidades crescentes, a produção nacional entrou em rápida decadência.

A Guerra de Secessão, em 1860, paralizou em parte a exportação da fibra estadunidense à Europa, desencadeando-se no Brasil novo surto algodoeiro, que durou pouco mais de 10 anos.

Em decorrência da brutal geada de 1918, que devastou os cafezais, o algodão teve outro surto em nosso país, notadamente em São Paulo. Por essa época, a indústria nacional de vestimentas já assumia alguma expressão e começava o aproveitamento fabril do caroço de algodão.

Torna-se evidente que os surtos algodoeiros no Brasil eram provocados por fatores externos ocasionais ou fatores climáticos. Na década de 30, no entanto, o fator interno foi decisivo em prol da expansão da cotonicultura no país. E' que a crise do café, em 1929, provocou uma tamanha ruptura na economia brasileira que forçou os produtores rurais a buscarem novas alternativas culturais.

Nesse mesmo período, iniciou-se o desenvolvimento da pesquisa agronômica na área do algodão, capitaneada pelo Instituto Agronômico de Campinas. Os trabalhos de melhoramento genético e de experimentação de novas técnicas de cultivo do algodoeiro, foram decisivos no estabelecimento da superioridade da produção da região sudeste sobre o resto do país.

#### CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO ALGODÃO

O grande apoio das ações de pesquisa, extensão, insumos modernos, estrutura de comercialização etc, permitiu um excepcional desempenho da cotonicultura nos Estados de São Paulo e Minas Gerais, seguidos dos Estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, e principalmente do Estado do Paraná. Ao mesmo tempo, os estados nordestinos prosseguiram cultivando variedades de baixa produtividade e usando técnicas rudimentares.

O Nordeste foi reduzindo sua importância ao ponto de, em 1975, com 77% da área plantada, a região responder por apenas 19% da produção nacional, enquanto a região centro-sul, com 23%, responder com 81% de nossa produção algodoeira. Nesse mesmo ano foi criado o CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO ALGODÃO, vinculado à EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - EMBRAPA.

Com o objetivo de coordenar e executar pesquisas com o algodoeiro em todo o país mas estrategicamente colocado no "polo" da cotonicultura nordestina (CAMPINA GRANDE-PB), o CNPA dispõe de laboratórios, campos experimentais e pesquisadores abalizados. Além desses, mantém programação de pesquisa em inúmeras propriedades privadas bem como uma linha de ação conjunta com os vários sistemas estaduais de pesquisa. Mantém, ainda, contratos de colaboração financeira e técnica com diversas instituições nacionais e internacionais. Assessoramento a autoridades governamentais, a empresários e a produtores sobre a cotonicultura, são também linha de ação do CNP-Algodão.

Está hoje perfeitamente definida, no Brasil, a existência de duas regiões algodoeiras distintas: a região meridional, integrada pelos estados do PARANÁ, SÃO PAULO, MINAS GERAIS, GOIÁS e MATO GROSSO DO SUL; e a região setentrional, formada pelos estados do CEARÁ, PARAÍBA, PIAUI, RIO GRANDE DO NORTE, BAHIA, PERNAMBUCO e ALAGOAS. Para a primeira, a prioridade de pesquisa estabelecida diz respeito à geração de tecnologias que visem a redução dos custos de produção, sem diminuir a produtividade. Para a segunda, a conduta é a execução de pesquisas que possibilitem o aumento da produtividade.

No decorrer de dez anos de atividades do CNPA, foram obtidos resultados significativos para a cultura e para os segmentos da economia vinculados ao algodão. A obtenção e difusão de variedades de algodoeiro arbóreo de boa produtividade em substituição

aos tipos de algodoeiro arbóreo de baixa produtividade; a distribuição de uma cultivar que fornece fibras médias (herbáceo), em substituição aos tipos "Verdões" e "Rasga-Letra"; a produção e distribuição de sementes selecionadas; o controle das pragas; a geração de sistemas de produção específicos para obtenção de safras normais dos algodoeiros herbáceo e arbóreo, em anos secos; os trabalhos de melhoramento genético, em conjunto com diversos sistemas estaduais de pesquisa agropecuária, no âmbito do algodão e os estudos de solos.

O Setor de Economia do Centro tem realizado diversos estudos sobre a situação sócio-econômica alusiva ao algodão, análises dos sistemas de produção mais rentáveis para o algodoeiro arbóreo e herbáceo, de sequeiro e irrigado, e avaliações do desempenho agrícola, no que diz respeito à cotonicultura.

#### SITUAÇÃO DO ALGODÃO NA ECONOMIA BRASILEIRA

Em meu estágio, fui incumbida de proceder a diversas análises sobre a situação do algodão no contexto da economia nacional, pertinente à safra 1984/5. Foram avaliados os enfoques: a)-política agrícola; b)-produção; e c)-comercialização.

O primeiro tópico discorreu sobre a atuação das medidas governamentais referentes ao algodão, o desempenho do crédito rural e da assistência técnica, e o programa oficial de garantias, envolvendo os Valores Básicos de Custeio-VBC, a Política de Preços Mínimos-PPM, e o seguro rural (PROAGRO).

No segundo item, estudamos a estrutura da produção de algodão no país, dando especial valor aos índices de produtividade alcançados na diferentes regiões cotonicultoras.

Quanto à comercialização do produto, foram analisados a projeção da oferta na presente safra, a demanda, o consumo in

terno e a exportação dos excedentes de produção, com suas variáveis positivas e negativas.

Foi feito rigoroso levantamento das cotações de mercado e dos Negócios a Termo, na presente safra, com base nas informações fornecidas em "Cartas Semanais" - BMSP, conforme citação nas tabelas apresentadas. A classificação do algodão nas bolsas de mercadorias do País, as condições de transporte e armazenamento, o beneficiamento e toda uma estrutura de comercialização também mereceram destacada atenção, com o objetivo de definir um quadro realista da situação nacional da cotonicultura.

Longe de minha intenção elaborar um trabalho que pretendesse apresentar soluções para toda uma problemática específica que somente agora passo a examinar com especial carinho e acuidade técnica. Mas fica aqui um registro: - "Onde quer que se pretenda chegar a humanidade, esse caminho cruza necessariamente o meio rural.

## PARTE I

### POLÍTICA AGRÍCOLA

Um dos fatores fundamentais ao êxito do empreendimento agrícola, no atual contexto da economia brasileira, é a decisão política. Os governos centrais, desde 1964, detém sob seu controle quase todas as condições necessárias ao esforço produtivo nacional. A agricultura não escapa à regra. Nessa atividade está também sujeita aos atos de política agrícola, instrumentos emanados dos diversos organismos governamentais que atuam no setor, destinados a orquestrar o desempenho agropecuário.

No tocante ao algodão, as principais medidas dizem respeito à assistência creditícia (via Bancos Oficiais), assessoramento rural (pesquisa e extensão), garantia de preço mínimo etc.

### CRÉDITO RURAL

As alterações no Sistema de Crédito Rural, introduzidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), objetivando forçar o produtor rural a aplicar mais recursos próprios no custeio de suas lavouras, fez com que a assistência creditícia dos Bancos Oficiais ficasse cada vez mais inacessível. A maioria dos Bancos Privados, após cumprida a exigibilidade obrigatória nas aplicações em crédito rural, passaram a atender apenas a clientes preferenciais. Essa situação redundou na redução do volume de recursos destinados à agricultura, em 1984. A verba destinada à safra 84/85 foi inferior, em termos reais, ao volume de dinheiro da safra passada enquanto que a demanda foi bem maior.

No entanto, os informes oficiais dão conta que os empréstimos à agropecuária evoluíram quase 50% (saldo de Cr\$ 4.688 bilhões) já nos nove primeiros meses do ano, contra expansão de

cerca de 30% em igual período do ano passado.

A retomada da demanda por insumos agrícolas registrada em 1984, não serviu de parâmetro para medir o grau de capitalização do produtor rural na safra 1984/85. Ao contrário da safra anterior, permitiu a alguns agricultores uma capitalização suficiente para retomar algumas compras que estiveram inibidas durante 3 anos. No caso de máquinas e implementos agrícolas, houve uma recomposição do material que se encontrava obsoleto.

Em relação a fertilizantes, verificou-se uma antecipação da demanda, uma vez que na safra anterior foram registrados problemas de entrega do produto, na hora do plantio.

Com a evolução das taxas de juros de mercado de 20% para 25%, decorrente do aperto monetário, o custo financeiro da lavoura não pesou além do que já se previa, em função das mudanças havidas na política agrícola. No entanto, na base anterior de 20%, o produtor pagaria 215% de taxas de juros de custeio sobre os insumos da próxima safra. Com a elevação dessa taxa para 25%, este índice subiu para 221%, considerado expressivo.

Segundo fontes do Banco do Brasil, o custeio agrícola atingiu Cr\$ 2.355 bilhões, com incremento de 40% de janeiro a setembro. Se considerarmos a evolução dos valores inflacionários, essa taxa torna-se inexpressiva. Na verdade, as liberações de crédito sofreram significativo atraso na sua concessão. Dessa forma, o financiamento das lavouras de verão no Centro-Sul foram amplamente prejudicadas.

#### VALORES BÁSICOS DE CUSTEIO

O governo estabeleceu limites de adiantamento de crédito de custeio para culturas alimentares em 80% para os pequenos produtores, e em 60% para os médios e grandes, de forma a estimular particularmente, a expansão da produção dos alimentos básicos.

TABELA I  
Região Setentrional

VALOR BÁSICO DE CUSTEIO - VBC

Produto: ALGODÃO (Arbóreo ou Herbáceo)

FAIXA	PRODUTIVIDADE (Kg/ha)	VBC - Cr\$/ha
1	Até 150	83.000
2	151 a 200	95.000
3	201 a 250	127.000
4	251 a 300	177.000
5	301 a 400	206.000
6	401 a 600	347.000
7	601 a 800	500.000
8	801 a 1.100	618.000
9	1.101 a 1.400	851.000
10	1.401 a 1.800	1.008.000
11	Acima de 1.800	1.240.000

Obs. Ref. a safra 1984/85

FONTE: CREA/Banco do Brasil S/A

TABELA - I I

PREÇOS MÍNIMOS DE ALGODÃO EM PLUMA P/A REGIÃO NORTE/NORDESTE SAFRA 1984/85.

Em Cr\$ por 15 Kg.

TIPOS	FIBRAS (m/m)						
	26/27	28/29	30/32	32/34	34/36	36/38	38/40
	26/28 e 27 27/28 e 28	28/30 e 29 29/30 e 30	e 32	e 34	e 36	e 38	e 40
	ROLO						
2	28.454,85	30.302,55	35.106,60	36.954,30	38.802,00	41.019,45	42.497,40
3	28.173,15	30.002,55	34.759,05	36.588,45(*)	38.417,85	40.613,25	42.076,65
3/4	27.891,45	29.702,55	34.411,50	36.222,60	38.033,70	40.207,05	41.655,90
4	27.609,75	29.402,55	34.063,80	35.856,75	37.649,55	39.801,00	41.235,15
4/5	27.327,90	29.102,40	33.716,25	35.490,75	37.265,25	39.394,80	40.814,40
5	27.046,20	28.802,40	33.368,70	35.124,90	36.881,10	38.988,75	40.393,65
5/6	26.482,80	28.202,40	32.673,45	34.393,20	36.112,80	38.176,50	39.552,00
6	25.919,25	27.602,40	31.978,35	33.661,35	35.344,35	37.364,25	38.710,50
6/7	25.355,85	27.002,25	31.283,10	32.929,65	34.576,05	36.552,00	37.869,00
7	24.792,30	26.402,25	30.588,00	32.197,80	33.807,75	35.739,60	37.027,50
7/8	23.947,20	25.502,10	29.545,20	31.100,25	32.655,15	34.521,30	35.765,10
8	22.538,55	24.002,10	27.807,30	29.270,70	30.734,25	32.490,60	33.661,35
9	21.129,90	22.501,95	26.069,25	27.441,30	28.813,35	30.459,90	31.557,45

(\*) Preço Mínimo Básico.

FONTE: C.F.P. - 20/Julho/84.

Estabeleceu limites de adiantamentos para o custeio do algodão em 60% para os pequenos e em 40% para os médios e grandes produtores, uma vez que o algodão apresentou, na última safra, melhor rentabilidade relativa.

Dessa maneira, o aumento do VBC variou entre 246% na faixa de produtividade mais baixa ( 1.000 kg/ha ) até 280,6%, na faixa mais alta ( 2.200 kg/ha ou mais). O VBC da faixa de produtividade mais baixa passa para Cr\$ 520 mil e, na faixa mais alta, para Cr\$ 1.280 mil. Na faixa modal, de 1.400 a 1.800 kg/ha., a variação foi de 275,8%, obtendo-se um VBC de Cr\$ 914 mil.

#### GARANTIA DE PREÇOS MÍNIMOS

Os preços mínimos de garantia do Governo Federal, para a safra 1984/85 - divulgados em agosto - tiveram reajuste médio de 261,5%, para permitir o incremento da produção nessa fase de clima favorável ao plantio. Os novos valores dos principais produtos destinados à alimentação revelaram crescimento de 248%, enquanto que o algodão recebeu um incremento na ordem de 200%.

Em virtude das operações amparadas pela Política de Garantia de Preços Mínimos, os empréstimos para comercialização cresceram 135,7%, segundo fontes do Banco do Brasil S/A, principalmente na rubrica dos EGF.

Apesar de serem pretensamente fixados com base nos custos de produção, manutenção das lavouras e perspectivas dos mercados interno e externo de cada produto, os preços-base para a comercialização da safra 1984/85 não atingiram os anseios dos agricultores que esperavam muito mais.

A proposta de reajuste da arroba de algodão em caroço para Cr\$ 17 mil, em janeiro, não acompanhou o preço-base do algodão do Centro-Sul, já em Cr\$ 20.530 nesse mesmo mes. A queda das cotações de algodão no mercado internacional explica este diferencial de preços.

**TABELA III**  
**Preços Mínimos do Algodão**  
**Região Meridional**  
**SAFRA 1984/5**

NORMAS ESPECÍFICAS -

ALGODÃO :

UNIDADE: CRS/KG

CLASSIFICAÇÃO DE ACORDO COM A PORTARIA M.A. Nº 214, DE 29.07.87

T I P O S	ALGODÃO EM:	F I B R A S (mm)					
		26/27, 26/28, 27,27/28 e 28		28/29, 28/30, 29, 29/30 e 30		30/32 e 32	
		CÓDIGO(1)	PREÇO	CÓDIGO(1)	PREÇO	CÓDIGO(1)	PREÇO
1	CAROÇO	C10-2628	498,20	C10-2830	528,04	C10-3032	654,42
2	PLUMA	P20-2628	1.896,99	P20-2830	2.020,17	P20-3032	2.340,44
3	PLUMA	P30-2628	1.878,21	P30-2830	2.000,17	P30-3032	2.317,27
4	CAROÇO	C20-2628	488,91	C20-2830	518,19	C20-3032	642,22
5	PLUMA	P34-2628	1.859,43	P34-2830	1.980,17	P34-3032	2.294,10
6	PLUMA	P40-2628	1.840,65	P40-2830	1.960,17	P40-3032	2.270,92
4/5	PLUMA	P45-2628	1.821,86	P45-2830	1.940,16	P45-3032	2.247,75
3	CAROÇO	C30-2628	479,67	C30-2830	508,34	C30-3032	630,02
5	PLUMA	P50-2628	1.803,08	P50-2830	1.920,16	P50-3032	2.224,58
5/6	PLUMA	P56-2628	1.765,52	P56-2830	1.880,16	P56-3032	2.178,23
4	CAROÇO	C40-2628	468,86	C40-2830	496,94	C40-3032	615,89
6	PLUMA	P60-2628	1.727,95	P60-2830	1.840,16	P60-3032	2.131,89
6/7	PLUMA	P67-2628	1.690,39	P67-2830	1.800,15	P67-3032	2.085,54
5	CAROÇO	C50-2628	448,82	C50-2830	475,70	C50-3032	589,56
7	PLUMA	P70-2628	1.652,82	P70-2830	1.760,15	P70-3032	2.039,20
7/8	PLUMA	P78-2628	1.596,46	P78-2830	1.700,14	P78-3032	1.969,68
6	CAROÇO	C60-2628	406,77	C60-2830	431,13	C60-3032	534,33
8	PLUMA	P80-2628	1.502,57	P80-2830	1.600,14	P80-3032	1.853,82
9	PLUMA	P90-2628	1.408,66	P90-2830	1.500,13	P90-3032	1.737,95

T I P O S	ALGODÃO EM:	F I B R A S (mm)							
		32/34 e 34		34/36 e 36		36/38 e 38 (SERRA E ROLO)		38/40 e 40 (SERRA E ROLO)	
		CÓDIGO(1)	PREÇO	CÓDIGO(1)	PREÇO	CÓDIGO(1)	PREÇO	CÓDIGO(1)	PREÇO
1	CAROÇO	C10-3234	674,19	C10-3436	728,53	C10-3638	754,85	C10-3840	780,81
2	PLUMA	P20-3234	2.463,62	P20-3436	2.586,80	P20-3638	2.734,63	P20-3840	2.833,16
3	PLUMA	P30-3234	2.439,23(2)	P30-3436	2.561,19	P30-3638	2.707,55	P30-3840	2.805,11
2	CAROÇO	C20-3234	661,62(2)	C20-3436	714,95	C20-3638	740,78	C20-3840	766,25
3/4	PLUMA	P34-3234	2.414,84	P34-3436	2.535,58	P34-3638	2.680,47	P34-3840	2.777,06
4	PLUMA	P40-3234	2.390,45	P40-3436	2.509,97	P40-3638	2.653,40	P40-3840	2.749,01
5	PLUMA	P45-3234	2.366,05	P45-3436	2.484,35	P45-3638	2.628,32	P45-3840	2.720,96
3	CAROÇO	C30-3234	649,05	C30-3436	701,37	C30-3638	726,71	C30-3840	751,69
5	PLUMA	P50-3234	2.341,66	P50-3436	2.458,74	P50-3638	2.599,25	P50-3840	2.692,91
5/6	PLUMA	P56-3234	2.292,88	P56-3436	2.407,52	P56-3638	2.545,10	P56-3840	2.636,80
4	CAROÇO	C40-3234	634,49	C40-3436	685,64	C40-3638	710,41	C40-3840	734,83
6	PLUMA	P60-3234	2.244,09	P60-3436	2.356,29	P60-3638	2.490,95	P60-3840	2.580,70
6/7	PLUMA	P67-3234	2.195,31	P67-3436	2.305,07	P67-3638	2.436,80	P67-3840	2.524,60
5	CAROÇO	C50-3234	607,37	C50-3436	656,32	C50-3638	680,04	C50-3840	703,42
7	PLUMA	P70-3234	2.146,52	P70-3436	2.253,85	P70-3638	2.382,64	P70-3840	2.468,50
7/8	PLUMA	P78-3234	2.073,35	P78-3436	2.177,01	P78-3638	2.301,42	P78-3840	2.384,34
6	CAROÇO	C60-3234	550,47	C60-3436	594,84	C60-3638	616,33	C60-3840	637,52
8	PLUMA	P80-3234	1.951,38	P80-3436	2.046,95	P80-3638	2.166,04	P80-3840	2.244,09
9	PLUMA	P90-3234	1.829,42	P90-3436	1.920,89	P90-3638	2.030,66	P90-3840	2.103,83

(1) Código de Classificação  
(2) Preço Mínimo Básico

FONTE: CREA/Banco do Brasil S/A

TABELA IV

PREÇOS MÍNIMOS DE ALGODÃO EM CARROS PARA A REGIÃO NORTE/NOROESTE

SOFRA 1984/85.

Em C# por 15 quilos.

TIPOS	FIBRAS (m/m)						
	26/27, 26/28 27, 27/28 e 28	28/29, 28/30 e 30	30/32 e 32	32/34 e 34	34/36 e 36	36/38 e 38	38/40 e 40
1	7.473,00	7.920,60	9.816,30	10.112,85	10.927,95	11.322,75	11.712,15
2	7.333,65	7.772,55	9.633,30	9.924,30(*)	10.724,25	11.111,70	11.493,75
3	7.194,30	7.625,10	9.450,30	9.735,75	10.520,55	10.900,65	11.275,35
4	7.032,90	7.454,10	9.238,35	9.517,75	10.284,60	10.656,15	11.022,45
5	6.732,30	7.135,50	8.843,40	9.110,55	9.844,80	10.200,60	10.551,30
6	6.101,55	6.466,95	8.014,95	8.257,05	8.922,60	9.244,95	9.562,80

(\*) Preço Mínimo Básico

FONTE: C.F.P. - 20/Julho/84.

## PROGRAMA DE GARANTIA DA ATIVIDADE AGROPECUÁRIA (PROAGRO)

Foram introduzidas algumas alterações no PROAGRO. O limite de cobertura aumentou para 80% no mínimo e o prêmio pago pelos produtores foi reduzido para aqueles que ainda não tenham recorrido a indenizações anteriores.

O produtor rural poderá agora optar pela cobertura de 100% do financiamento ou do orçamento da lavoura (incluindo-se nesse montante, os recursos próprios por ele aplicados, até o limite do VBC).

Essa nova conduta produziu, no PROAGRO, de janeiro a novembro de 1984, um deficit acumulado na ordem de Cr\$ 120,3 bilhões. O deficit só não foi esmagador porque o Banco Central forneceu, em igual período, onze adiantamentos para cobertura do orçamento deficitário, segundo as próprias fontes do BACEN. Isto é, na incapacidade do PROAGRO manter-se com o recebimento de seguros, multas e outras receitas operacionais, o Banco Central vem realizando adiantamentos que acumulam desde 1975 - quando foi criado o PROAGRO - até o encerramento de 1984, Cr\$ 128 bilhões, em valores correntes, e em 1985, poderão atingir a cifra de Cr\$ 165 bilhões.

As informações do BACEN são que a receita do PROAGRO no período acima mencionado chegou a apenas Cr\$ 190 bilhões, as dotações orçamentárias atingiram Cr\$ 134,8 bilhões e o restante foi coberto por adiantamentos do Banco Central, com transferências de dinheiro da reserva monetária.

Para 1985, o PROAGRO vai dispor de Cr\$ 137 bilhões de recursos da União e Cr\$ 130 bilhões de receitas próprias, incorrendo num deficit de Cr\$ 267 bilhões, que deverá ser coberto com recursos provenientes de adiantamentos do BACEN.

O PROAGRO funciona como um seguro para cobrir as eventuais perdas dos produtores em casos de secas, enchentes e pragas. Atendeu para a cobertura desses casos, com Cr\$ 384,4 bilhões, acumulados nos

onze meses de 1984.

De acordo com os dados levantados pelo Departamento de Crédito Rural, do BACEN, de 1980 a 1984, a região que mais utilizou o PROAGRO foi o Nordeste, contra a seca, atingindo nesses cinco anos, em valores acumulados não corrigidos os Cr\$ 146,1 bilhões. Desses, Cr\$ 37,9 bilhões pertinentes à perda da produção de algodão.

Tabela V  
B R A S I L  
Comparativo da Área Colhida e Produção  
de algodão, nas safras 1983/4 e 1984/5

T I P O	ÁREA COLHIDA (ha)			PRODUÇÃO OBTIDA (ton)		
	Safra 83/4	Safra 84/5	%	Safra 83/4	Safra 84/5	%
ARBÓREO	1.580.610	1.430.023	-9,53	78.198	267.725	242,37
HERBÁCEO	1.347.890	1.673.625	24,14	1.521.037	1.893.446	24,48
T O T A L	2.928.500	3.103.288	5,96	1.599.235	2.161.171	35,14

FONTE: Comissão de Financiamento da Produção-CFP

## PARTE II

### PRODUÇÃO

A produção brasileira de algodão na safra 1984/85, extrapolou todas as previsões, dentro e fora do país, alcançando a cifra recorde de 2.161.171 toneladas de algodão em caroço. Esse excepcional resultado foi conseguido graças ao ótimo desempenho da cotonicultura nordestina, responsável, nesse contexto, por uma produção de 797,8 milhões de quilos. Foram conseguidos também notáveis índices de produtividade, isso devido a introdução de novas cultivares desenvolvidas pela equipe de pesquisadores do CNP-Algodão (EMBRAPA) e amplamente difundidas nos últimos anos.

A esperada produção, em novembro/84, segundo estimativas do I.B.G.E. era de 2.139.624 toneladas do algodão em caroço, que equivalem a 749 mil toneladas do algodão em pluma. O Nordeste entraria com 1/3 dessa produção estimada. Dessa forma, o mercado interno permanecia estável.

A contribuição do Nordeste, porém, foi ampliada para 36,9% do total, portanto 3,6 percentuais acima do previsto. A produção de algodão arbóreo atingiu as 267.725 toneladas, sendo liderada pelos estados do Ceará (37,61%) e Paraíba (21,78%).

No âmbito geral, os cinco maiores produtores nacionais foram: o Paraná, com 611.865 ton.; São Paulo, com 507.686 ton.; Ceará, com 282.119 ton.; Paraíba, com 167.480 toneladas; e Rio Grande do Norte, com 131.042 toneladas. A produção nacional de algodão herbáceo atingiu 1.893.446 toneladas, superior em 0,06% à estimativa em novembro/84. Em relação à produção da safra anterior, houve um acréscimo de 24,41%.

A produção total da safra 1984/85, em relação a mesma na safra anterior, evoluiu em termo de 63,12%.

Tabela VI  
 B R A S I L  
 Algodão Herbáceo (em caroço)  
 Produção Nacional - Safra 1984/85

UNIDADE FEDERATIVA	ÁREA (HA) COLHIDA	PRODUÇÃO OBTIDA (TON)	%	RENDIMENTO (kg/ha)
Pará	22.700	12.186	0,64	537
Maranhão	2.575	1.203	0,06	467
Piauí	26.020	13.353	0,71	513
Ceará	269.899	181.426	9,58	672
R.G.Norte	167.013	81.352	4,30	487
Paraíba	168.856	109.174	5,77	647
Pernambuco	50.022	29.313	1,55	586
Alagoas	67.116	20.338	1,07	303
Sergipe	27.478	13.409	0,71	488
Bahia	107.583	67.347	3,56	626
Minas Gerais	109.138	85.273	4,50	781
São Paulo	244.000	507.686	26,81	2.081
Paraná	322.124	611.865	32,32	1.899
Mato G.Sul	34.394	56.826	3,00	1.652
Mato Grosso	6.292	8.069	0,43	1.282
Goiás	46.900	93.080	4,91	1.983
Outros	1.155	1.606	0,08	1.390
<b>BRASIL</b>	<b>1.673.625</b>	<b>1.893.446</b>	<b>100,00</b>	<b>1.132</b>

FONTE: Comissão de Financiamento da Produção

## PRODUTIVIDADE

O rendimento (kg/ha) obtido com a cultura do algodão herbáceo, media nacional, foi de 1.132 na safra 1984/85. A maior produtividade obtida com o arbóreo foi na Bahia, com o rendimento de 478 kg por hectare colhido. A média nacional desse último tipo ficou em torno 187 kg/ha.

Os agricultores campeões em produtividade, referente ao algodão, foram os paulistas (2.081 kg/ha), os goianos (1.983kg/ha), e os paranaenses (1.899 kg/ha). No nordeste, os cearenses, com um rendimento de 672 kg/ha e os paraibanos, com 647 kg/ha, esses resultados com o algodão herbáceo. Como justificativa para esse excelente desempenho da cotonicultura nacional, destaca-se o reaproveitamento da cultura abandonada nesses últimos anos.

Tabela VII  
 B R A S I L  
 Algodão Arbóreo (em caroço)  
 Produção Nacional - Safra 1984/85

UNIDADES FEDERATIVAS	ÁREA (HA) COLHIDA	PRODUÇÃO OBTIDA (TON)	%	RENDIMENTO (kg/ha)
Maranhão	44.147	9.002	3,36	204
Piauí	159.024	33.348	12,46	210
Ceará	523.033	100.693	37,61	193
R.G.Norte	279.499	49.690	18,56	178
Paraíba	335.619	58.306	21,78	174
Pernambuco	86.891	15.821	5,91	182
Bahia	1.810	865	0,32	478
BRASIL	1.430.023	267.725	100,00	187

FONTE: Comissão de Financiamento da Produção-CFP

### PARTE III

#### COMERCIALIZAÇÃO

##### 1. Cotações de Mercado

Analisando os cinco primeiros bimestres do ano de 1984, conclui-se que, na comercialização do algodão pela Bolsa de Mercadorias do Estado de São Paulo, quase não houve oscilações nos preços de mercado do algodão em caroço na região setentrional, havendo incremento no primeiro mês do ano para os vários tipos de comprimento da fibra, considerando as cotações de dezembro do ano anterior, e nos demais meses o percentual permaneceu estável, variando apenas em setembro/outubro-1984, com incremento inferior ao aumento inicial do ano, conforme tabelas.

TABELA VIIK  
A L G O D ã O  
Cotação de Mercado na Região Setentrional  
(Jan-Out/1984)

PERIODO	Comprimento da fibra (mm) - RN - rolo					
	28/30	30/32	32/34	34/36	36/38	38/40
Janeiro	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Fevereiro	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Março	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Abril	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Mai	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Junho	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Julho	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Agosto	37.000	42.000	45.000	48.000	50.000	53.000
Setembro	42.000	47.000	50.000	56.000	58.000	61.000
Outubro	47.000	52.000	55.000	65.000	67.000	70.000

Fonte- Bolsa de Mercadorias de São Paulo

TABELA IX  
Variação Mensal de Preços p/percentual  
Região Setentrional  
(Jan-Out/1984)

PERIODO	28/30	30/32	32/34	34/36	36/38	38/40
Janeiro	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Fevereiro	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Março	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Abril	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Mai	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Junho	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Julho	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Agosto	27,59	31,25	28,57	26,32	19,05	20,45
Setembro	13,51	11,90	11,11	16,67	16,00	15,09
Outubro	11,90	10,64	10,00	16,07	15,52	14,75

Fonte: B.M.S.P.

Tabela X  
BRASIL - Região Setentrional  
Contrato/Entrega do Algodão  
(Jan-Out/1984)

M E S E S	ENTREGA PARA: (Valor em Cr\$ p/15 kg)				
	MARÇO	MAIO	JULHO	OUTUBRO	DEZEMBRO
Janeiro	35.910	41.000	40.000	57.000	55.000
Fevereiro	33.750	36.500	40.000	49.100	55.000
Março	34.500	40.100	47.000	58.840	67.000
Abril		33.000	38.000	51.000	
Maiο		33.000	39.000	51.500	60.000
Junho			38.000	51.500	60.000
Julho			35.000	51.000	53.000
Agosto				44.000	50.000
Setembro					56.000
Outubro					51.800

Fonte: Cartas Semanais n<sup>os</sup>. 573 a 583

B. M. S. P.

Tabela XI

BRASIL - Região Meridional

Contrato/Entrega do Algodão

(Jan-Out/1984)

VARIÇÃO PERCENTUAL (%)

M E S E S	ENTREGA PARA: (Valor em Cr\$ p/15 kg)				
	MARÇO	MAIO	JULHO	OUTUBRO	DEZEMBRO
Janeiro	n/c	n/c	n/c	29,55	17,02
Fevereiro	-6,02	-10,98	-11,05	-13,86	n/c
Março	2,22	9,86	17,50	19,84	21,82
Abril		-17,71	-19,15	-13,32	n/c
Maio			2,63	0,98	n/c
Junho			-2,56	1,11	n/c
Julho			-7,89	-0,97	-11,67
Agosto				-13,73	- 5,66
Setembro				n/c	12,00
Outubro					-7,50

FONTE: Cartas Semanais nºs 573 a 583 - BMSP

## EXPORTAÇÃO

A Companhia de Financiamento da Produção acabou cedendo às pressões do empresariado e permitindo as exportações de algodão em pluma, inviabilizadas pela gravosidade do produto - os preços internacionais estavam abaixo dos preços internos durante quase o ano inteiro. A CFP adotou o mesmo mecanismo de subsídio às exportações do qual o governo lançou mão no ano anterior. Era promovida uma concorrência pública e as empresas que oferecessem preços menos gravosos - e portanto necessitassem menor volume de subsídios, saíam vencedoras.

Com esse artifício, o volume das exportações subsidiadas ficou em torno de 60 mil toneladas. Apesar da CACEX, em seu comunicado nº 100, ter liberado totalmente as exportações do produto, o Conselho Nacional de Política Fazendária (CONFAZ) só aprovou a prorrogação de recolhimento do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias-ICM por 150 dias para as exportações de 20 mil toneladas de algodão no Paraná, 20 mil em São Paulo e mais 20 mil toneladas no Ceará.

A prorrogação do prazo para o recolhimento do ICM foi mais um elemento para reduzir a gravosidade do produto. Essa parcela de ajuda dos governos estaduais para viabilizar as exportações de algodão, permitiu o escoamento de cerca de 60 mil toneladas, principalmente no 2º semestre, haja visto que até agosto a exportação estava resumida a 5.000 toneladas, devido à pressão das indústrias textéis.

O mercado internacional chegou a atingir a cotação de 84 cents por libra-peso em maio. Mas a projeção da oferta (800 mil toneladas mais um "carry over" de 158 mil toneladas) baixou os índices de cotação ao ponto de 56 cents por libra peso, em novembro.

Tabela XII

B R A S I L

Exportações de Algodão e derivados

(Jan-Ago/1984)

PRODUTOS	TONELADAS	VALOR US\$ 1.000-FOB
Pluma	4.969	6.773
Fios	66.927	157.768
Tecidos	36.172	123.255
Oléo Ref.	74.444	58.204
TOTAL	182.512	346.000

Fonte: Cacex

## CLASSIFICAÇÃO

A Empresa Paranaense de Classificação de Produtos, vinculada à Secretaria de Agricultura do Estado, classificou no primeiro semestre de 1984, 1.016.411 fardos pesando 202.070.184 quilos de algodão em pluma.

Em relação a igual período do ano passado, que obteve uma classificação de 1.067.032 fardos, num total de 211.045.866, houve um decréscimo na ordem de 4,75%, justificado pela entrada do grosso do produto no mercado somente no 2º semestre.

A Bolsa de Mercadorias de São Paulo classificou no período de Janeiro/84 a Julho/84, 989.993 fardos, num total de ... 191.463.432 kg de algodão em pluma. Considerando a classificação realizada em igual período no ano passado, que foi 924.018 fardos pesando 179.325.738 quilos de pluma, constatamos um incremento de 7,14 pontos percentuais.

Foram classificados pelo Departamento de Padronização e Classificação de Produtos de Origem Vegetal, da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas Gerais, entre 1.1.84 e 30.9.84, 157.057 fardos pesando 30.096.400 kg.

Analisando o volume de classificação em igual período em 1983, 69.353 fardos num total de 13.303.658 quilos, foi verificado um aumento de 126,4% no volume de algodão classificado no Estado, principalmente em razão do elevado desempenho das lavouras naquela região.

A amostragem analisada demonstrou que o beneficiamento do produto acompanhou a elevação dos níveis de produção (algodão em caroço), havendo incremento, em quase todos os estados, na classificação do algodão em pluma, conforme tabelas apresentadas.

TABELA XIII  
CLASSIFICAÇÃO DE ALGODÃO  
(em pluma)

Empresa Paranaense de Classificação de Produtos

Período: Jan-Jun/1984

SAFRA 1984/85

TIPOS	FARDOS	KG
2	-	-
3	67	13.548
3/4	732	147.636
4	5.790	1.174.578
4/5	34.832	6.946.972
5	164.217	32.532.883
5/6	256.816	50.949.558
6	268.888	53.516.164
6/7	161.166	32.089.395
7	87.473	17.420.104
7/8	28.446	5.682.842
8	6.041	1.209.029
9	1.384	277.109
inf. a 9	559	110.366
TOTAL	1.016.411	202.070.184

FONTE: Secretária de Agricultura  
do Estado do Paraná

TABELA XIV  
 CLASSIFICAÇÃO DE ALGODÃO  
 Estado de S. Paulo  
 Jan-Jul/1984

SAFRA 1984/85

T I P O	FARDOS	KG	%
2	6	1.187	-
3	300	58.198	0,03
3/4	750	144.566	0,08
4	2.418	460.797	0,24
4/5	17.622	3.350.630	1,75
5	82.893	15.881.325	8,29
5/6	356.555	68.776.114	35,91
6	338.831	65.806.826	34,36
6/7	144.389	28.048.174	14,64
7	34.364	6.629.345	3,40
7/8	9.326	1.817.913	0,95
8	1.611	313.812	0,16
9	614	116.650	0,01
Inf. a 9	314	57.895	-
TOTAL	989.993	191.463.432	100,0

FONTES: B.M.S.P.

TABELA XV  
CLASSIFICAÇÃO DO ALGODÃO  
Minas Gerais  
Jan-Set/84

SAFRA 1984/85

TIPOS	FARDOS	QUILOS
2	-	-
3	-	-
3/4	-	-
4	409	71.017
4/5	1.622	305.416
5	7.226	1.379.211
5/6	25.772	5.013.551
6	61.360	11.765.366
6/7	30.911	5.861.152
7	20.938	3.995.432
7/8	5.673	1.099.622
8	2.079	401.410
9	808	152.917
Inf. a 9	259	51.306
TOTAL	157.057	30.096.400

FONTE: Cartas Semanais nº 587/8 - BMSP

## C O N C L U S Õ E S

Alguns tópicos relevantes, ao meu ver, merecem ser recapitulados a fim perfilarmos a questão alusiva ao algodão:

1º) - A existência de agudas contradições na Política Agrícola.

De um lado alinham-se a pesquisa e a extensão, objetos de vultosos investimentos governamentais; de outro, há inadequação do crédito rural ( insuficiente e discriminatório );

2º) - Política de preços mínimos irrealística, com a cotação de mercado, do algodão, abaixo dos valores determinados pelo Governo;

3º) - Preços de insumos - amplamente difundidos - não sintonizados com o mercado de produtos agrícolas;

4º) - Manutenção de uma política de ampliação progressiva da fronteira agrícola ao invés de uma política "intensiva" objetivando aumentar a produtividade e melhor utilização do solo;

5º) - Inexistência de estoques reguladores adequados gerando oscilações e desniveis altamente prejudiciais ao desempenho do setor agrícola;

6º) - existência de um bom trabalho na área de pesquisa visando a obtenção de tecnologia que produza adequada rentabilidade ao empreendimento rural;

7º) - estrutura de comercialização inadequada na região setentrional, desestimulando a cultura do produto e não trazendo uma remuneração adequada ao pequeno produtor (presença de intermediários)

8º) - A boa colocação do produto no mercado de algodão, na safra 1983/84, aliada às condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, gerando uma produção recorde na presente safra. As expectativas dos produtores, porém, não foram alcançadas pois os preços sofreram sensível decréscimo relativo. A perspectiva para a próxima safra é de uma expressiva diminuição na variação da produção.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Banco do - CACEX - Informação Semanal nºs. 898, 919,  
927 - Maio-out-dez/1984;

BRASIL, Banco do - Boletim 3/84 - Dez/84;

Estados Unidos - COTTON, World Statistics - Quartely Bulletin of  
the International Cotton Advisory Committee - April-oct/1984;

Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior - Informativo nº  
68 - set/1984;

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Anuá-  
rio Estatístico do Brasil - 1981/2/3;

Gazeta Mercantil - S. Paulo - 10.06.84, 08.08.84, 06 e 14.11.84;

GODOY, Sebastião M. - ALGODÃO - I.C.E.A. - S. Paulo - 1980 424 pgs

Instituto Brasileiro de Economia (FGV) - Agroanalysis - V. 8 nºs.  
2, 5, 7 e 12 - Fev-maio-jul-set/1984;

Nordeste Agrícola - nºs. 6 e 7 - Set-out/1984;

O Estado de São Paulo - Suplento Agrícola - 11.12.84;

O Indicador Rural - nºs. 71 e 72 - Dez/1984;

São Paulo, Bolsa de Mercadorias - Carta Semanal do Algodão nºs.  
573 a 583 - Set-nov/1984;

Senhor - S. Paulo - nº 202 - Jan/1985

## ÍNDICES DAS TABELAS

	(pg.)
TABELA I - Valor Básico de Custeio-VBC	11
TABELA II - Preços Mínimos de Algodão-NE	12
TABELA III - Preços Mínimos-Reg.Meridional	14
TABELA IV - Preços Mínimos-Algodão Caroço	15
TABELA V - Área colhida e produção	18
TABELA VI - Produção Algodão Herbáceo	20
TABELA VII - Produção Algodão Arbóreo	22
TABELA VIII - Cotação de Mercado-Setentr.	24
TABELA IX - Variação mensal de preços(%)	24
TABELA X - Contrato/Entrega-Reg.Setentr.	25
TABELA XI - Contrato/Entrega-Reg.Meridional	26
TABELA XII - Exportações de Algodão/Deriv.	28
TABELA XIII - Classificação no Paraná	30
TABELA XIV - Classificação em São Paulo	31
TABELA XV - Classificação em Minas Gerais	32

## Í N D I C E

Título:	Página:
APRESENTAÇÃO	1
SUMÁRIO	2
INTRODUÇÃO	3
O algodão no Brasil	4
Centro Nacional de Pesquisa ALGODÃO	5
Situação na Economia Brasileira	7
POLÍTICA AGRÍCOLA	9
Crédito Rural	9
Valores Básicos de Custeio	10
Garantia de Preços Mínimos	13
Programa de Garantia da Atividade Agropecuária	16
PRODUÇÃO	19
Produtividade	21
COMERCIALIZAÇÃO	23
Cotações de Mercado	23
Exportação	27
Classificação	29
CONCLUSÕES	33
BIBLIOGRAFIA	35



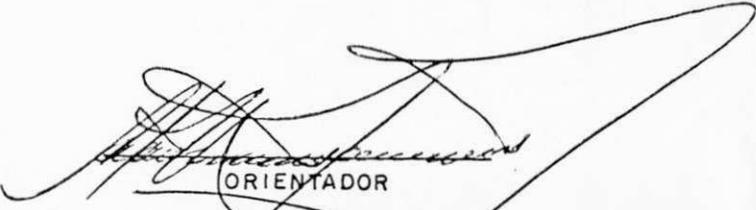
**EMBRAPA**

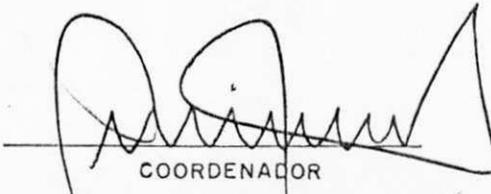
CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DO ALGODÃO

## CERTIFICADO

CERTIFICAMOS QUE MARIA GLEIDE DE LIMA FERNANDES  
PARTICIPOU DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA ÁREA DE ECONOMIA RURAL  
NO PERÍODO DE 19.11.1984 A 17.2.1985  
NUM TOTAL DE 290 HORAS.

CAMPINA GRANDE, EM 16 DE abril DE 1985

  
ORIENTADOR

  
COORDENADOR